

# O GALO DE PROPÉRCIO NO *MONOBIBLOS*: AMIZADE POÉTICA E RIVALIDADE AMOROSA<sup>1</sup>

Paulo Martins<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo

paulomar@usp.br

## RESUMO

Cinco referências a Galo ocorrem no *Monobiblos* de Propércio, nas elegias 5, 10, 13, 20 e 21. A fortuna crítica muito discutiu a fim de encontrar nessas construções poéticas referências concretas da vida romana histórica. As possibilidades encontradas, ainda que pudessem estar decalcadas em estudos bem fundamentados, partiam de um princípio equivocado: o de supor, como necessidade obrigatória, a existência concreta de pessoas equivalentes aos nomes próprios apontados pelo poeta.

Este artigo argumenta que todas essas indicações nominais se resumem a uma única: Cornélio Galo, como indubitavelmente é apresentado em 2B.34.91. Assim Galo, em Propércio, ora está a serviço da demarcação do gênero elegíaco e suas características; ora opera a figuração de um rival na narrativa amorosa do livro; ora estrutura parte do projeto editorial do *Monobiblos*. Devemos sempre ter em mente que o Galo assim evocado não é histórico, mas *persona ficta*, cujo ἦθος é construído de acordo com o programa poético de Propércio e cuja *fides* ocorre por contiguidade com poeta elegíaco homônimo, poeta-amante, cuja amada é Licóride, sua *scripta puella*. Assim, ainda que tais personagens possam ser reais, elas passam ainda pelo filtro do gênero poético.

Dessa maneira, este artigo visa, observando os poemas a Galo em Propércio no *Monobiblos*, a buscar elementos que justifiquem a posição da *persona* Galo como um representante da poesia elegíaca, tanto na perspectiva amorosa e poética, como na posição de elemento funcional na confinidade genérica e na estrutura do *Monobiblos*.

**Palavras-chave:** Elegia; Propércio; Galo; gênero poético; narrativa disjuntiva; questões editoriais.

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado parcialmente no XXI Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) em dezembro 2017. Agradeço a Greg Woolf a acolhida no ICS da University of London entre janeiro e fevereiro de 2018, onde e quando este artigo foi finalizado. Agradeço também a leitura atenta dos pareceristas de *Phaos*.

<sup>2</sup> Professor Livre-docente de Língua e Literatura Latina da USP, Pesquisador do CNPq, Visiting Professor no King's College London, Visiting Fellow na Yale University e Academic Visitor no Institute of Classical Studies – ICS da University of London.

## ABSTRACT

Gallus is mentioned five times in Propertius' *Monobiblos* (elegies 5, 10, 13, 20 and 21). Scholars have thoroughly debated how these constructions may provide concrete evidence of Roman life. The possibilities found were presented on well-researched studies, which, nevertheless, were based on a false premise: that the names cited by the poet were necessarily identified with real people.

This paper argues that the name Gallus refers to one and the same character: Cornellius Gallus, as it is clear in elegy 2B.34.91. Thus this name, in Propertius, may function as a marker of the elegiac genre, or refer to a rival in the erotic narrative of the book or point to the structure of the *Monobiblos*. We must keep in mind that Gallus is evoked not as a historical character, but as *persona ficta*, whose ἦθος was constructed observing Propertius' poetic program, and whose *fides* resides in the contiguity with the homonym elegiac poet, the poet-lover, whose beloved is Lycoris, his *scripta puella*. Thus although these characters can be real, they pass through the filter of this poetic genre.

This article aims to demonstrate how the name Gallus functions as a marker of the elegiac genre in Propertius' *Monobiblos*, in which it may refer to the poetics, the erotic narrative or the structure of the book.

**Keywords:** Elegy; Propertius; Gallus; poetic genre; disjunctive narrative; editorial issues.

## QUESTÕES INICIAIS

Muito já se discutiu acerca dos nomes apresentados por Propércio no *Monobiblos* como interlocutores de sua narrativa elegíaca cujo cerne é o romance, ou melhor, o *affair* entre o *ego*, poeta-amante, e uma tal Cíntia. Basicamente a questão, pelo menos até a década de 1970, para a absoluta maioria dos estudiosos, resumia-se, no que concerne ao *Monobiblos* de Propércio, ao livro *Cynthia*<sup>3</sup>: quem são Tulo, Basso, Galo e Pôntico<sup>4</sup> elencados pelo poeta? Os filólogos do século 19 e da primeira metade do século 20 apostavam que tais referências só podiam ser concretas, reais, extraídas da vida romana. Para tanto, os estudiosos tomavam como paradigmático o caso de Catulo, cuja Lésbia em seus poemas parece decalcar certa personalidade da época, a saber, Clódia Pulcra,<sup>5</sup> alvo de invectivas de Cícero no *Pro Caelio*. Afora

<sup>3</sup> Ver Burman (1780, p. 1); nele há o resgate do frontispício dos códices propercianos e como os editores se comportaram a dar o nome à obra de Propércio. *Sex. Propertii Nautae Monobiblos ad Cynthiam* aparece em Joseph Scaliger, que segue o códice Vaticano. *Aurelii Propertii Nautae Vmbri Incipit Liber Elegiarum vel Cynthia* na primeira edição de D'Orvilliano. *Sex. Aurelii Propertii Cynthia. Monobiblos* por Broukhusius, a partir de mais antiga atestação, isto é, Marcial em 14.189: "*Cynthia – facundi carmen iuvenale Properti –/Accepit famam, non minus ipsa dedit.* – Cíntia, poemas joviais do facundo Propércio, concedeu-lhe fama e não menos que a própria lhe deu.

<sup>4</sup> Ver Martins (2017b) sobre os interlocutores no *Monobiblos*.

<sup>5</sup> Ver Oliva Neto (1996, p. 242): "Poema 79. (...) Lésbio: provavelmente Públio Clódio Pulcro, o tribuno da plebe acusado por Cícero de incesto com a irmã Clódia. Deve-se admitir que o incesto, aludido pela passagem "Lésbia o quer mais, abona, pelo paralelismo Lésbio/Clódio, a identificação Lésbia/Clódia. O jogo de palavras com Pulcro", adjetivo significando 'belo' e o sobrenome de Clódio, presente no epigrama, já havia sido feito por Cícero na Carta a

a passagem de Apuleio na *Apologia*, 10, desgastada pelo uso, em que é apontado que alguns nomes femininos, apresentados pelos poetas, dissimulam outras personalidades da sociedade romana, como que desvendando um “mistério”, donde: *Lésbia* é Clódia, *Cíntia* é Hóstia, *Perila* é Metela e *Délia*, Plânia.<sup>6</sup> Por seu turno, é inegável também que há a explicitação de figuras historicamente documentadas em Propércio, haja vista a indicação de Augusto<sup>7</sup> ou de César<sup>8</sup>, de Mecenas<sup>9</sup>, ou mesmo, como já o fizera Catulo 28 vezes,<sup>10</sup> de si mesmo, como se operasse uma autoidentificação poética, uma assinatura ou, simplesmente, uma cilada poética em que o poeta constrói a autoreferência para dissimular uma *fides* ou, efetivamente, para depositar sobre os versos a subjetivação do *ego*-elegíaco, apresentando *avant la lettre* a “sinceridade” do eu-poético<sup>11</sup>: *sic igitur prima moriere aetate, Properti?! sed morere; interitu gaudeat illa tuo!* – Morrerás assim, ainda jovem, Propércio?! Mas que morra! E que ela se alegre com o teu fim!<sup>12</sup>, ou ainda melhor, pois em primeira pessoa do singular: HAS PONO ANTE TUAM TIBI, DIVA, PROPERTIUS AEDEM/ EXUVIAS, TOTA NOCTE RECEPTUS AMANS. – ESTES RESTOS TE OFEREÇO ANTE A TEU TEMPLO, DIVA, EU,/ PROPÉRCIO, TE ACEITO, AMANTE, POR TODA UMA NOITE.<sup>13</sup> E mesmo estas figuras históricas – e não se pode negar que Propércio seja uma – devem ser matizadas pelos gêneros que as circunscrevem, afora o fato de as distinções, que se observam na caracterização das personagens no gênero elegíaco e nos gêneros historiográficos, por exemplo, obviamente diferirem quanto a suas regras e regulagens.

Assim, é certo que posso pensar em pelo menos duas vertentes interpretativas diante dos nomes inscritos no *Monobiblos*: a primeira localiza os nomes como referência histórica que dão suporte à sinceridade do poeta que trata de si ao produzir poesia; a segunda toma a referência nominal a serviço do constructo poético que guia a narrativa por intermédio de uma bricolagem ética. Uma recompõe a subjetividade da poesia de matiz confessional; a outra

Ático, 1, 16, 10: *pulcellus puer.*” Oliva Neto (1996, p. 208): “Poema 58. (...) Célio: no poema, é êmulo da persona Catulo. Possivelmente seja Marco Célio Rufo, amigo de Cícero, que no *Discurso em defesa de Célio* defendeu-o da acusação feita por Clódia, que para muitos é Lésbia, de tentar envenená-la”. Otis (1965, p. 1): “We can debate who Lesbia was or whether Corinna ever existed but we can deny that Catullus was actually in love with a real girl or that Ovid was writing with his tongue in his cheek”.

<sup>6</sup> Ver Martins (2009, p. 28).

<sup>7</sup> Prop. 2.10; 3.11; 3.12 e 4.6.

<sup>8</sup> Prop. 1.21; 2.1; 2.7 2.16; 2.31; 2.34; 3.4; 3.9; 3.11; 3.18; 4.1; 4.6 e 4.11.

<sup>9</sup> Prop. 2.1 e 3.9.

<sup>10</sup> Catull 6; 7; 8; 10; 11; 13; 14; 38; 44; 46; 49; 51; 52; 58; 68; 72; 76; 79 e 82 (em alguns poemas ocorre mais de uma vez).

<sup>11</sup> Prop. 2.24; 2.34; 3.3; 3.10; 4.1; 4.7

<sup>12</sup> Prop. 2.8.17-18. Salvo indicação em contrário, todas as traduções são próprias.

<sup>13</sup> Prop. 2.14. 27-28.

estrutura uma subjetivação fictícia que confunde os leitores porque registra uma diversidade ética que foge a um critério de coerência exclusiva interna e externa. Aquela oferece uma linearidade plana e achatada de caracteres obedientes e obsequiosos; esta subverte a unidade personalizada, reproduz circunstâncias múltiplas e “incoerentes” absolutamente coincidentes com nós mesmos (καθ’ ἡμᾶς assim como Διονύσιος δὲ ὁμοίους εἵκαζεν, e isto ensinara a *Poética*)<sup>14</sup>. A primeira hipótese, por fim, defende um instantâneo, um retrato de identidade; a segunda é, apenas, um rascunho de um desenho construído, que pode ou não ter sido delineado a partir de uma persona real.

Micaela Janan (2001, pp.33-34), valendo-se de um instrumental lacaniano a fim de desvendar “the obscure logic that governs Propertius’ poetry”, informa que os poemas de Galo – a ele dedicados no *Monobiblos* – são um campo particularmente rico para examinar a poética elíptica de Propércio, já que esta série de poemas, ainda que se resolvam em torno de um mesmo nome, se recusa a ser observada tanto em conjunto como separadamente como narrativa. É fato, para Janan, que Propércio não nos oferece quaisquer auxílios, ao contrário, ela crê que ele nos dificulta, pois que nos abandona, leitores, deixando as conexões lógicas da narrativa deliberada e tentadoramente obscuras para que nós as desvendemos<sup>15</sup> – sejam elas temporais, causais, condicionais, consecutivas etc. Ainda que discorde dos meios de que se vale a *scholar*, sua posição sobre a dificuldade encontrada na narrativa properciana como um todo ou nas séries episódicas que podem ser aferidas no decurso dos 5 livros – como prefiro entender<sup>16</sup> –, é fundamental. Efetivamente, existe nas coleções de Propércio uma grande narrativa composta de outras tantas, e tanto a continente quanto as contidas podem ser consideradas disjuntivas, dado que a conexão lógica, que deve regê-la e/ou regê-las, não obedece obrigatoriamente a uma ortodoxia narrativa, antes é operada por moto vário, mesmo que alguma semelhança, por exemplo, possamos verificar entre a história de Cíntia e a de Galo; afinal a mesma diversidade ética encontrada na primeira pode ser observada no segundo. Nesse sentido, da mesma forma que Galo, interlocutor privilegiado de Propércio, é desenhado em 5, 10, 13, 20 e, mesmo, 21<sup>17</sup> quase como se fosse “*the younger poet’s doppelgänger*” e, dessa forma, multifacetado

<sup>14</sup> Arist., *Po.* 1448a 4-6. Como Dionísio efigiou os semelhantes [a nós].

<sup>15</sup> Ver Otis (1965, p. 1), que também leva em consideração certo grau de dificuldade do texto properciano. “Propertius is in many respects the most enigmatic of all Roman poets (...). There is enough conventionality to make us doubt the truth of almost all his amatory experiences. There is enough disconcerting truth to make us doubt the conventionality. There is irony where we should expect seriousness; seriousness where we should expect irony”.

<sup>16</sup> Ver Martins (2017a, pp.175-92); (2013, pp. 70-85).

<sup>17</sup> Em que pese todas as opiniões contrárias à relação com Cornélio Galo, que, no caso da elegia 21, beira ao cem por cento, já que tanto Butler como Cairns não acreditam que o Galo de 21 possa ser apontado como decalque do poeta elegíaco.

e inconsistente ou incoerente quanto ao seu ἦθος, exatamente assim *Cynthia* é alvo do “most egregiously inconsistent portraiture”. Entretanto, apenas Galo, ainda de acordo com Janan, apresenta dificuldades insuperáveis sob a perspectiva de uma coerência, tanto para quem tenta dividi-lo entre diversas personagens, como para que deseje assimilá-lo numa única.<sup>18</sup> Ainda assim continuo apostando na última hipótese.

## ESTRUTURA EDITORIAL POSSÍVEL DO *MONOBIBLOS*

A complexidade da narrativa do *Monobiblos* aponta, pois, para a complexidade dos caracteres lá desenhados. E essa me parece determinada pela estrutura binária do livro que de um lado desenvolve-se em torno de uma história de amor, de outro lado, em torno de uma “história do gênero poético”, de sorte que os caracteres assumem uma ambivalência poética. O *ego-elegíaco* é ao mesmo tempo amante e poeta; Cíntia, amada e poesia e os interlocutores, rivais amorosos e êmulos poéticos. A considerar essa ambivalência, o livro assume papel curioso, pois que como meio e memória ora registra a história de amor em que o sujeito da enunciação poética é um *magister amoris*, ora sustenta a história literária do gênero em que o mesmo sujeito é *magister poesis*. O livro, portanto, deve atender duas matérias distintas, sujeitas a duas τέχναι (*artes*): amor e poesia. Propércio vê-se obrigado a traduzir esta ambivalência de matéria na estrutura do livro.

King (1975, pp. 116-7) nos apresenta uma hipótese para a construção editorial do *Monobiblos* em que a estruturação do livro estaria decalcada, em certa medida, na história de amor e nos destinatários das elegias. Por conseguinte, os poemas 1 e 22, ambos dedicados a Tulo, além de enfatizar tematicamente e por contraste, a escolha de um modo de vida oposto ao do interlocutor do *ego-elegíaco*, enquadram o livro como um todo, circunscrevem-no, o primeiro poema apresentando a vida do *ego-elegíaco* no primeiro ano de sua vida com Cíntia; o último servindo como amostragem de certos aspectos de sua “vida” anterior ao *affair*. De forma semelhante, os outros dois poemas dedicados ao mesmo interlocutor, Tulo, o 6 e o 14, estão a serviço da estruturação editorial cuidadosamente elaborada por simetrias, pois que retêm os grupos centrais de poemas, a saber: a) 2, 3, 4 e 5; b) 7, 8A, 8B, 9 e c) 10, 11, 12 e 13, restando ainda mais dois grupos circunscritos por 14 e 22, também dedicados a Tulo: d) 15, 16, 17 e 18 e e) 19, 20, 21 e 22. No que diz respeito aos caracteres e suas funções nessa estrutura editorial, King propõe que cada um dos destinatários – interlocutores do *ego-elegíaco*, como costume chamar –, nos poemas, representa uma “atitude tradicional particular” sobre o amor à qual

<sup>18</sup> Ver Janan (2001, p. 35).

se opõe o *ego-elegíaco*, *Propertius*. Tulo, assim, é aquele que está a serviço dos valores romanos mais tradicionalmente tidos como honrados, o que contrasta frontalmente com a posição do enunciador. Galo, por sua vez, o endereçado nas elegias 5, 10, 13, 20 e 21, “encarna” outra visão para o poeta-amante, uma vez que é construído como alguém que possui uma atitude pouco séria em relação à *puella* – clara ironia –, pelo menos nos primeiros quatro poemas da série, isso sem mencionar sua posição de rival (*aemulus*) no que diz respeito a *Cynthia*. Já Pôntico pode ser comparado, sob o ponto de vista da “nobreza” de valores, a Tulo, embora aquele não esteja ligado à estrutura de poder como este, mas ao gênero poético elevado recusado por Propércio sistematicamente: a épica. Afinal em 11 o poeta demonstra a ineficácia desse gênero no que diz respeito ao amor e em 9 vaticina: “*Plus in amore ualet Mimnermi uersus Homero* – Mais no amor vale o verso de Mimnermo do que Homero”.<sup>19</sup> Basso, por fim, o quarto interlocutor do livro, cuja função é exortar o poeta-amante a procurar outras meninas, opõe-se também à Cíntia de Propércio,<sup>20</sup> agindo aos moldes de um poeta iâmbico e introduz no *Monobiblos* um outro polo genérico em confinidade, assim como Pôntico o faz em relação à poesia épica.

Posso ecoar essa estrutura narrativa proposta por King, aplicando a metáfora da *scripta puella* traduzida por Wyke,<sup>21</sup> ou seja, Cíntia não é apenas uma personagem, relacionada à vida amorosa do poeta, mas associada, em igual medida, à “gramática de sua poesia”. Assim, entendendo *Cynthia* como poesia<sup>22</sup>, as oposições, encetadas por Galo, Pôntico e Basso, além de amorosas, são genéricas, o que, portanto, redesenha a estrutura do livro a partir de dois vetores narrativos paralelos: um a história de amor e outro a história do gênero em suas confinidades. Entre 1901 e 1906, Franz Skutsch, comentando a cena de voyeurismo explícito em 1.10, já afirmara que a observação de Propércio pode significar um relato de como Propércio leu as elegias de amor de Galo em vez de como ele testemunhou o ato sexual de Galo. “Ich finde nur eine ausreichende Erklärung: Properz erzählt als gesehen, was er in einer Dichtung des Gallus gelesen hat”, afirma Skutsch (1906, p. 144). O filólogo alemão ainda informa que, embora não houvesse esta identificação com Cornélio Galo, indubitavelmente a personagem Galo de Propércio seria um poeta: “Der Gallus des Properz wäre also in jedem Fall ein Dichter, auch wenn er nicht

<sup>19</sup> Prop. 1.9.11.

<sup>20</sup> King (1975, p. 118). Vale ainda observar que Helslin (2011, pp. 51-72) identificou Pôntico e Basso como referências a uma contenda poética entre Propércio e Horácio. Para Pôntico e Basso ver também Martins (2017b, pp. 231-4).

<sup>21</sup> Wyke (1987, pp.47-61); Wyke (1989, pp. 25-47) e Wyke (2002). Ver Martins (2017b, pp. 227-54).

<sup>22</sup> Ver Martins (2017b, pp. 228-9).

Cornelius Gallus wäre” (Skutsch, 1906, p.145).<sup>23</sup> Por meu turno, creio que *Propertius*, poeta-amante, é operado nas duas possibilidades ao mesmo tempo, isto é, personagem de romance, personagem produtor de poesia, adequando-se tanto à *Cynthia* – poesia e amada –, como a *Gallus*, poeta e rival, pelo que soa perfeita a referência a ele como *aemulus* no séc. 16,<sup>24</sup> cujo campo semântico percorre os dois universos: o poético e o amatório.

Sob a perspectiva editorial, tendo em vista o confinamento dos 5 blocos de 4 poemas cada no *Monobiblos*, proposto por Joy King, podemos entrever dois aspectos curiosos referentes à nossa questão. O primeiro é a constituição de uma estrutura simétrica e paralela, a mais, no livro, já que Galo, como representante da poesia elegíaca, aparece uma vez no primeiro bloco, nenhuma no segundo, duas vezes no terceiro, nenhuma vez no quarto e, uma vez no quinto bloco, isto é, temos assim: 1, 0, 2, 0, 1 (poemas: 5 no 1º grupo, 10 e 13 no 3º grupo e 20 no 5º grupo). Desconsidero, pois, o 21, sobre o qual irei me ater mais adiante. O segundo aspecto a ser considerado diz respeito às posições das elegias 10 e 20 como significativas, pois que fecham a primeira parte do livro e a segunda, supondo que os dois epigramas finais devam ser considerados à parte. Assim o livro teria 20 elegias – e 2 epigramas – as quais determinariam o poema 10 como fechamento da primeira parte e o 20, o da segunda. A se considerar esta estrutura e essas indicações nominais de Galo em Propércio, isto é, nas elegias 10 e 20, posso traçar um paralelo com o Virgílio das *Éclogas* uma vez que lá, Galo aparece na *Écloga* de fechamento, isto é, a 10ª e na 1ª da segunda parte a 6ª.<sup>25</sup> Além disso, na 6ª *Écloga* Virgílio apresenta o mito de Hílas, que aparece em Propércio na elegia 20, enquanto na elegia 10, assim como na 10ª *Écloga*, tem-se a delimitação do amor heterossexual de Galo, que contrasta com o homossexual da última elegia do livro, produzindo assim uma relação quiasmática com as *Éclogas* de Virgílio, afinal a 6ª *Écloga* deve ser aproximada da 20ª Elegia, enquanto a 10ª *Écloga*, da 10ª Elegia.<sup>26</sup>

<sup>23</sup> “O Galo de Propércio seria um poeta em qualquer caso, mesmo que ele não fosse Cornélio Galo”.

<sup>24</sup> Scaliger (1571, pp. 170-1). O *OLD* consigna: *aemulus*, 1 A rival, competidor, emulator 2 A rival in love 3 A diligent imitator, zealous practitioner b A diligent or assiduous follower, disciple 4 One equal in ability. Se aplicarmos a Galo, fica clara a ambiguidade em as acepções, 2 e 4, já que 3 só faria sentido se aplicado a Propércio por contingência de anterioridade histórico-cronológica. Ver para o sentido 4, Quint., *Inst.* 10. 1. 123: *M. Tullius, qui ubique, etiam in hoc opere Platonis aemulus extitit*. Ver, para o sentido 2, Ov., *Rem.* 768: *Aemulus est nostri maxima causa mali*.

<sup>25</sup> Entendo que a colocação na 6ª *Écloga* e não na 5ª, como poderíamos questionar, deve-se ao fato de Virgílio entremear as *éclogas* dialogadas (ímpares) com as monológicas (pares) de sorte que a confinidade genérica entre a elegia e a bucólica teria mais esse dado a ser observado.

<sup>26</sup> Agradeço a Alexandre Hasegawa a sugestão dessa possível relação em minha conferência no XXI Congresso da SBEC em São Paulo, em 2017. Ver Cairns (2006b, 84-5). Rosati (2008, p. 256) adverte ainda que, por exemplo, a Cíntia de 1.8 pode muito bem dialogar com a Licóride da 10ª *écloga*.

Não se contrapondo a essa estrutura editorial proposta por King, Cairns<sup>27</sup> pôs em relevo a função dos destinatários, Tulo e Galo, objetivando uma estrutura narrativa do *Monobiblos*. Para o estudioso, tanto o primeiro como o segundo devem ser considerados patronos do livro em questão e a distribuição simétrica, eu diria a *ordo* ou a *τάξις*, das elegias dedicadas a eles denuncia a relevância desse duplo patronato, cujos significados só podem estar a serviço da representação de um *uir militaris*, de um lado, e de um *uir amans*, de outro lado, de sorte que ambos plasmam a narrativa de acordo com o seguinte ritmo tripartite: a) Tulo (1), Galo (5), Tulo (6) – b) Galo (10) –, c) Galo (13), Tulo (14), Galo (20), a serviço da ambivalência aqui defendida.

Quanto aos epigramas 21 e 22, conquanto sejam parte da estrutura editorial, eles definitivamente marcam uma quebra importante no livro, uma vez que se trata de um livro de elegias e não de epigramas, em que pese a confinidade genérica.<sup>28</sup> Nesse sentido parece-me consensual entendê-los como *σφραγίδες* do livro, suas assinaturas, seus selos, que, pelo fato de serem duas e não uma *σφραγίς* apenas, assoma um caráter inolvidável a ambos. Mas, por que dois epigramas ou duas *σφραγίδες*? Esta é a pergunta a que inicialmente devemos fazer e para a qual aponto duas possibilidades. A primeira é a apresentação de dois aspectos: a demarcação de temas de base elegíaca, a saber, o lamento em *nostro gemitu*, “em nosso lamento”, em 21 e em seguida em 22, a assinatura propriamente dita que imprime ao livro o efeito de *fides* desejado, de matiz confessional: *qualis et unde genus* – “quais e de onde são meus antepassados”. Por outro viés, os dois epigramas salientam, de um lado, a valorização do gênero do livro com a referência por contiguidade a Galo em 21 e a importância da *amicitia* – *pro nostra semper amicitia* –, leia-se “patronagem”, para a consecução do livro, no caso de Tulo em 22. Outra questão, decorrente dessa última, a ser indicada para os dois epigramas é o fato de que seus destinatários atendem a uma natureza diversa entre si, isto é, enquanto Tulo representa a voz do poder romano, tanto político como econômico, Galo está a serviço da dicção genérica da elegia, amor e lamento.

Nicholson (1998, p.143), por sua vez, propõe que 21 e 22, em contraste com a elegia 20 – mítica *par excellence* –, são poemas mais concretamente históricos, portanto não nos surpreende que esses tenham sido avaliados como “estranhos ao corpo poético da coleção. DuQuesnay (1992, p. 55) já havia corroborado a hipótese de que esse epigrama-epitáfio segue mais a inscriptibilidade dos epitáfios do que serve ao fazer poético, de sorte que opera a linguagem de reais inscrições romana, favorecendo sua associação a um indivíduo histórico específico.

<sup>27</sup> Ver Cairns (1983, p.90); = (2007, p. 88).

<sup>28</sup> Ver Gentile (1967).

Na verdade esta mescla genérica consubstanciada pelos epigramas 21 e 22, a meu ver, corresponde à proposição de Richard Thomas (2011, p.69) quando nos informa que Propércio transita entre dois mundos, criando espaços disjuntivos (*disjoined*) cujas camadas de personalização e de autobiografia tornam-se metáforas para a própria composição, numa habilidosa e instruída competição com os outros elegíacos – incluo principalmente Cornélio Galo –, com Catulo, com Virgílio bucólico e com Horácio lírico, no último caso incluo o epódico. Assim esses epigramas são apresentados, além da função de selo ou assinatura, como parte importante e essencial do jogo, pressuposto pelo gênero que manipula e construído por Propércio, que já dialogara com seus êmulos nas 20 primeiras elegias do *Monobiblos*.

### NO RASTRO DOS COMENTÁRIOS

Apresento a seguir os descaminhos dessas narrativas, a saber, a da confissão e a da construção, tendo como ponto inicial as edições e comentários a Propércio dos quais um dos mais antigos, mais precisamente, o terceiro mais antigo comentador moderno, Jean Passerat (1608), cuja observância às passagens dos anteriores, Filippo Baroaldo (1486-87) e de Joseph Scaliger (1577), é facilmente observada pela atestação, apresenta uma curiosa decifração de Galo, pois que nos comentários às quatro primeiras ocorrências (1.5; 1.10; 1.13 e 1.20) não coloca em questão sua identificação, dedica-se a explicar o sentido que a figura Galo oferece em cada uma de suas ocorrências, entretanto nas suas notas ao 1.21 apresenta: *Gallvm.] plures Galli eodem tempore fuerunt, hic Cornelius Gallus, Propertij nostri propinquus, vt apparet ex elegia quae proxime sequitur, cuius meminit sup. eleg. 5. 10. 13. & 20. hic eum periisse bello Perusino significat, elegia proxima, & vlt. lib.2.* (Passerat, 1608, pp. 241-2). Depreendemos, pois, que, desde o Renascimento, a pluralidade em torno do nome Galo, encaminhava a discussão para sua relação direta com identificação de diversas personagens, todas elas inseridas num contexto histórico, uma vez que a assunção de uma unidade múltipla que atendesse a ideia de que “ὁμαλῶς ἀνώμαλον δεῖ εἶναι – deve ser incoerente coerentemente”<sup>29</sup>, não estava sendo observada, sequer posta à mesa, ainda que tão antiga. Entretanto não encontrei até pelo menos meados do século 19, nenhuma afirmação peremptória sobre a questão, como Skutsch (1906, p.144) confirma em 1906, fazendo pesar sobre Hertzberg (1843-45) a responsabilidade da disseminação da ideia a que agora me oponho, isto é, o afastamento de Cornélio Galo e da mesma referência em todos os cinco poemas, 5, 10, 13, 20 e 21.

<sup>29</sup> Arist., *Po.* 1454a 27-28.

Alguns exemplos desse procedimento, qual seja, a tentativa de identificação dessas personagens, localizando-as longe da *res ficta*, da construção, da modelagem ética, podem ser resumidos pelos comentários de H. E. Butler em 1905, reproduzido praticamente de maneira idêntica em 1933 na edição conjunta com E. A. Barber,<sup>30</sup> quando positivamente, tratando da elegia 1.5, afirma que o Galo que nela está inscrito não pode ser confundido com o Galo de 1.21, que morrera durante a infância de Propércio, e tampouco deve ser identificado com o poeta Cornélio Galo, desafortunado prefeito do Egito, já que, de acordo com os versos: “*nec tibi nobilitas poterit succurrere amanti: /nescit Amor priscis cedere imaginibus* – Nem sua estirpe poderá socorrer você amante: / o Amor não sabe ceder às priscas imagens”<sup>31</sup>, esse Galo teria origem nobre, o que não corresponde à história de vida do poeta elegíaco. Butler, como Hartzberg já o fizera, associou este Galo a Élio Galo, sucessor de Cornélio na prefeitura do Egito em 26 a.C.<sup>32</sup> É dissonante, entretanto, à edição J. Didot de 1832<sup>33</sup> da *Bibliotheca Classica Latina* ou *Collectio Auctorum Classicorum Latinorum*, que para a mesma elegia 1.5, propõe: *Diversos Gallos Propertius memorat, de quibus (fictum an verum hujus nostri nomen fuerit) cf. not. ad Vitam poetae Chronolog. ann. 714*. Desse comentário devemos reter a possível diversidade de Galo; a ação da memória operada pelo poeta e a dúplice e ardilosa natureza do nome, isto é, *fictum* ou *uerum*. A edição em questão remete os poemas 10, 13, e 20 à essa nota genérica de 1.5 (Didot, 1832, p. 60). A nota da edição Didot não instaura o dissenso, mas sobretudo impõe uma retomada de Philippo Berolado (1486-87) e Joseph Scaliger (1577, pp. 170-1), que são expertos, logo lacunares, e, a meu ver, ambíguos, já que o último propõe: *Manifestum enim Gallum aemulum fuisse Propertii, et hunc primum coepisse Cynthiae amare ac orasse Propertium, ut sibi pararius et proxeneta esse uellet inter se et illam in amoribus novis*. Sob a perspectiva que defendo e, ecoado por Skutsch, Scaliger apresenta dois termos que devemos considerar intensamente, *aemulus* e *proxeneta*, os quais encaixam-se perfeitamente na hipótese de que Propércio opera dois vetores no *Monobiblos*: o amoroso/sexual e o poético.<sup>34</sup>

Parece-me que a hipótese defendida por Butler encontra fundamentos em Hertzberg (1845, v. 3, p.19) – *De Gallo autem, cui elegia inscripta, fortasse Aelio, quem cavendum est ne cum Cornelio confundas* e Paley (1853, p. 15), que comentara em 1.5 que este homem, que aparece no v. 23 – *nec tibi nobilitas*

<sup>30</sup> Butler; Barber (1933, p. 161) = (1996, p.161).

<sup>31</sup> Prop. 1.5.23-4.

<sup>32</sup> Butler (1905, p. 131).

<sup>33</sup> Ver também Burman (1780, p. 50), que refaz o percurso crítico dos séculos 15, 16, 17 e 18, nos quais, ao que tudo leva a crer, o posicionamento de Scaliger (1577) é preponderante.

<sup>34</sup> Ver Martins (2015, pp. 125-59).

*poterit succurrere amanti* –, era de nobre de nascimento, um rival, ou um amigo, ou alguém da relação próxima de Propércio. Afirma ainda Paley que Hertzberg tem uma longa tese para provar quem Galo não era. Admite o comentador que alguns pensaram que esse era Élio Galo, cuja esposa é aludida sob o nome de Aretusa, curiosamente.<sup>35</sup> Em 1.10, Paley nada acrescenta além da própria alteração da dicção entre o *ego*-elegíaco e Galo, nesse caso, bem mais amistoso.

Em 1929, Paganelli na edição da *Guillaume Budé, Les Belles Lettres*, reafirma a tese de Butler ao propor que o Galo de 1.5 (Paganelli, 1929, p.12, n. 1) não seria Cornélio Galo da 10ª Écloga de Virgílio, mas que poderia ser um certo Élio Galo que sofrera um desastre militar na Arábia. Nas elegias 10<sup>36</sup> e 13,<sup>37</sup> Paganelli faz remissão à nota proposta em 5, levando-nos a inferir que sua hipótese defende ser a mesma figura o Galo de 5, 10 e 13, contudo é lacunar ao se calar diante da referência da elegia 20. Quanto à elegia 21, reverbera o mesmo argumento de Butler.

P. J. Enk (1946, p. 55) informa que desconhece quem seja o Galo de 1.5, mas que seguramente não é Cornélio Galo, afinal esse nascera 20 anos antes de Propércio. Galo também não seria um parente do poeta, pois também não possuiria as *priscae imagines gloriae* e tampouco poderia ser identificado com Élio Galo cujo *status* seria o mesmo de Galo, o poeta. Com isso, o *scholar* descarta *in limine* todas as possibilidades de identificação de *Gallus* aventadas e faz reverberar essa mesma carência de identificação nos comentários às elegias 10, 13, e 20, afora manter-se lacunar neste momento em relação ao poema 21. Tal ausência de consenso em relação aos poemas citados e a lacuna à penúltima peça do livro em questão deixam entrever por uma greta a dúvida do comentador: a recusa do referente histórico, a meu ver, sugere sua opção por uma *persona ficta Gallus*, ainda que não seja explicitada. Vale dizer também que os comentários às elegias 10, 13 e 20 apenas tratam da *persona* circunscrita às condições narrativas e poéticas delas próprias e do livro.

Camps (1961, p.57), por sua vez, nos seus comentários à mesma 1.5, afirma que nada sabemos sobre este Galo, à exceção daquilo que está dito na própria elegia que o circunscribe e ainda nas elegias 10, 13 e 20, que também seriam endereçadas ao mesmo Galo. Entretanto, apesar de ser menos rígido, ainda vaticina: “He is not Cornelius Gallus or Aelius Gallus, for neither of them was of noble ancestry.” Richardson (1976, p. 160), por sua vez, centrado na mesma 1.5, ainda que com menor incisividade, apresenta o mesmo argumento de Butler, informando que: “presumably the Gallus addressed in 1.10 and 1.13, perhaps also the Gallus of 1.20, but otherwise unidentified.

<sup>35</sup> Ver Virg., *Ecl.* 10.1.

<sup>36</sup> Paganelli (1929, p. 18).

<sup>37</sup> Paganelli (1929, p. 21).

Since he is of noble family, he cannot be either Cornelius Gallus, the poet, or Aelius Gallus, second prefect of Egypt”.

Fedeli (1980, pp.153-5) firmou em seus comentários ao primeiro livro posição contrária à identificação com Cornélio Galo, entretanto corretamente assinala que 5, 10, 13 e 20 sejam endereçadas a mesma pessoa.<sup>38</sup> Riccardo Scarcia (1987, pp.74-5), em edição anotada por ele mesmo e introduzida por Paolo Fedeli em 1987, praticamente sela posição acerca da questão “Galo”, já que, mesmo que afirme que a identificação é controversa, defende que a personagem não deve ser Cornélio Galo, mas talvez um Lélío ou Élio Galo “di pallida fisionomia per noi (anche in 1.10; 1.13 e 1.20; altre persone ancora: Galli de 1.21 e 4.1”. Por seu turno, Verger (1989) inaugura um posicionamento mais equilibrado acerca da questão, uma vez que, em momento algum, busca associar a imagem de Galo a alguma figura historicamente construída, mas, sobretudo, ocupa-se em aferir sua funcionalidade poética, isto é, de que maneira o poeta se vale da construção de um ἥθος específico a serviço da estrutura poética. O comentador também crê que a personagem é a mesma em 1.5; 1.10; 1.13 e 1.20. Mas em 1990, com a edição do novo volume da *Loeb Classical Library* a cargo de G. P. Goold, que veio a substituir a edição e tradução de H. E. Butler (1912), nota-se a manutenção da tendência e a ampliação das possibilidades onomásticas para o caso de Galo. Goold não produz um comentário efetivo, entretanto, no índice onomástico apresenta quatro entradas para o nome Galo, assim dispostas: a) um amigo aristocrático de Propércio (1.5; 1.10; 1.13 e 1.20); b) um parente de Propércio, morto na guerra da Perúgia em 41 a.C. (1.21); c) um filho de Árria (4.1) e d) Cornélio Galo (2.34).<sup>39</sup> Em 2001, Francisca Moya e Antonio Ruiz de Elvira, propõem pela primeira vez em uma edição de Propércio a seguinte nota: “puede ser Cornelio Galo, el poeta elegíaco amante de Licoris, aquí, al parecer, enamorado de Cintia” (Moya; Elvira, 2001, p. 170).

Em 2002 e 2014, duas traduções da obra completa de Propércio foram editadas em português, a primeira por uma equipe da Universidade de Lisboa coordenada por Aires Nascimento e a segunda no Brasil, realizada por Guilherme Gontijo Flores. Ambas edições oferecem uma copiosa gama de notas e repercutem no caso em questão o posicionamento mais ortodoxo da crítica, ainda que Gontijo Flores opere a questão de maneira mais arejada ao admitir a possibilidade da referência a Cornélio Galo, no rastro de Verger e Moya & Elvira. Entretanto ainda retoma a discussão referencial sobre *nobilitas* (1.5.23) que irei tratar adiante de forma mais precisa, além de aventar a possibilidade de admissão de Élio Galo como referência (Flores, 2014, p. 328), porém assume

<sup>38</sup> Ver também as páginas de Fedeli (1980) relativas aos comentários às elegias 10, 13, 20 e 21, i. e., (pp. 164-5); (pp. 251; pp. 300-1); (pp. 453-4) e (pp. 485-8).

<sup>39</sup> Goold (1990, p. 476).

que o interlocutor em 5, 10, 13 e 20 são os mesmos (Flores, 2014, p. 341). A edição portuguesa, por seu turno, assim nos propõe a reflexão sobre o tema:

A identificação de Galo não é patente, parecendo excluir de todas as figuras conhecidas com tal nome. Não se trata certamente do mesmo Galo celebrado em 1.21, pois perde a vida quando nosso poeta ainda era um adolescente; também não é o poeta Cornélio Galo, pois era de família humilde e aqui estamos perante alguém de origem aristocrática; advogam os comentadores que não será tão pouco Élio Galo, que sucedeu a Cornélio Galo no Egípto, embora pertencesse à classe equestre. Talvez seja o mesmo a quem dedica Propércio outras composições: I, 10, 13, 20. O seu nome apenas surge no último dístico: indício de que a própria identidade interessa menos que sua função (acentua P. Fedeli). Serve uma situação elegíaca que supõe a concorrência no amor (sem que haja de admitir-se uma partilha e constrói a argumentação dissuasora sobre as consequências negativas e irremediáveis da paixão. (Nascimento, 2002, p. 275)

Curiosamente, entre 2005 e 2007 foram publicadas três obras importantes sobre Propércio: a de Simone Viarre (2005) e as de Stephen Heyworth (2007). A primeira ofereceu uma nova edição e tradução para a coleção *Les Belles Lettres* que veio a substituir a obra de D. Paganelli (1929); o segundo, a edição para a Oxford University Press (*Oxford Classical Texts*), que substituiu a de E. A. Barber (1953), afora a tradução e os comentários aos quatro livros, publicados no volume *Cynthia: a Companion to the Text of Propertius* também da Oxford. Essas publicações apresentam, ao fim e ao cabo, o estado da questão “Galo” hoje. Viarre (2005, p. 174) referenda a história preponderante da crítica nos dois últimos séculos, sustentando a existência de apenas personas homônimas chamadas Galo em Propércio, sendo aquele dos poemas 5, 10, 13 e 20 do primeiro livro um e um outro, o do poema 21 do mesmo livro. Para ela nenhum dos dois seria identificado com Cornélio Galo; claramente repercutindo Fedeli, a *scholar* sustenta seu argumento na obra de Syme (1938, pp. 39-44 e 1978, pp. 99-103). Heyworth, a exemplo do que já fizera Verger (1989), é absolutamente lacunar, o que, ao contrário do que possa parecer, a meu ver, referenda uma postura mais lúcida, que tem suas bases nos trabalhos de Cairns de 1983 e de 2006. Afirma o professor que ao longo do seu comentário sobre o poema 21 se absteve de identificar o falante “Galo”, apesar de sua presença no verso 7. Embora seja possível, continua Heyworth (2007, p. 99), que um parente morto do poeta tenha o mesmo nome daquele elegíaco (o destinatário de I v, x, xiii e xx), a coincidência é algo impressionante, o que Propércio poderia ter evitado com tranquilidade, omitindo o nome nesse ponto. O “silêncio” de Heyworth, quanto à identificação, é a confirmação de que, conquanto tenhamos um material que possa estar associado ao mundo concreto e, portanto, ser depositário de aspectos históricos, ainda assim esse mesmo material é operado pelo poeta de acordo com as regras de um gênero poético, o que, em certa medida, acaba por aproximar a ficção da realidade.

Explico: se a persona poética é construída segundo os ditames de um gênero, o fato de ela existir ou não pouco importa, pois o que vale é o seu estatuto como enunciado poético e não sua vida em sociedade.

## CONTRA A CORRENTE

O principal argumento, que afasta o Galo properciano do *Monobiblos* de Cornélio Galo é a referência aos versos 1.5.23-24, dedicados à ideia da *nobilitas* da persona, aduzido pela primeira vez por Hertzberg, ecoado por Paley (1853), referendada por Butler tanto em 1903 como em 1933 com Barber, defendida por Camps (1961), Richardson Jr. (1976) e Viarre (2007), pelo menos, afora a adesão de Ronald Syme (1973); parece-me estreito, pois que impõe ao verso uma função estritamente referencial, afastando-o da conotação e da multivalência poética. A base da argumentação são os seguintes versos aos quais devo assomar algumas considerações:

*nec tibi nobilitas poterit succurrere amanti:  
nescit Amor priscis cedere imaginibus.*

O conceito de *nobreza* a que se referem os autores acima elencados funda-se basicamente na ideia de cidadão cuja origem em princípio é aristocrática e, dessa forma, deve ser lido e observado restritivamente haja vista a largura semântica passível de ser atribuída a ele.<sup>40</sup> É bem verdade, entretanto, que o *OLD* para a referida passagem (1.5.23-24) remete à entrada 3, isto é, “nobility of rank or birth”, mas o mesmo dicionário na acepção 1 propõe “renown, celebrity” e na 2: “distinction, illustriousness”. Parece-me óbvia a opção do *OLD* e dos comentadores, já que de acordo com o *ius imaginum*<sup>41</sup> apenas os

<sup>40</sup> Ver Salles (2000, pp. 152-154): “A história da República permite compreender como a aristocracia getilícia da época arcaica abriu caminho à nobreza do último século da República, graças à abertura a magistraturas e aos plebeus ricos no Senado, graças também à autorização para casamentos mistos entre patrícios e plebeus. (...) A partir do século II a.C., a nobreza inclui apenas famílias consulares. O *homo nouus*, aquele que completa o *cursus honorum* sem ser nobre, funda a nobreza de sua família. (...) Para os inimigos da nobreza tradicional, no fim da República, essa se dedica aos seus prazeres e se desinteressa cada vez mais com a vida da cidade. Então ela se tornou indigna de conservar as responsabilidades do Estado, porque perdeu o senso de civismo e de solidariedade coletiva.

<sup>41</sup> Ver Martins; Amato (2012, pp. 125-45) e Martins (2013, pp. 230-46). Nista (1988, p. 33) afirma que em aproximadamente 70 a. C. quem possuía o *ius imaginum* eram todos aqueles que tivessem alcançado pelo menos a edilidade curul; esse *ius*, portanto, confirma o privilégio dos descendentes a ter sua máscara mortuária (*imago*) junto com todos os seus ancestrais exibida privadamente no vestibulo da casa e publicamente nos *funera gentilicia*. Dessa maneira, o objeto do *ius* torna-se parte do culto dos ancestrais e de sua memória eterna enquanto os descendentes herdaram a *gloria*, a *virtus* e a *fama*. Ver Cic., *Rab. Post.* 7.16; Cic., *Leg. Agr.* 2.1; Cic., *Ver.* 2.5.36; V. Max. 5.8.3; Sal., *Jug.* 4.5.6 e Pol. 7.53-4.

nobres teriam direito aos *funera gentilicia* e conseqüentemente à exposição de suas *imagines, figurae* ou *effigies*<sup>42</sup> nos *columbaria*, nos *atria* da *domus*, de sorte que a ideia de *priscae imagines* encaminha a seleção do sentido para o ponto de vista estritamente referencial. Contudo, deve-se ter em mente que há em Roma a vulgarização dos retratos, isto é, ao contrário do que ocorrera nos séculos III e II a.C. na República, período em que a natureza artística estava absolutamente subordinada ao estamento social do representado, durante a dinastia Júlio-claudiana muitos passam a ter acesso aos retratos, tanto é que Plínio, o velho,<sup>43</sup> aponta que as imagens deixam de ser uma referência à nobreza e passam a ser uma referência à riqueza, portanto a *nobilitas* que garantiria legalmente o uso dessas imagens deixa de ser um critério, bastando recursos econômicos para possuí-las. É fato também que além das *imagines* dos ancestrais gregos e romanos endinheirados colecionavam também em suas bibliotecas as mesmas *priscae imagines*, velhas imagens, contudo representativas dos grandes nomes das Letras e da Filosofia, aos quais Zanker e Di Cesare chamam *intelectuais*,<sup>44</sup> portanto, a meu ver, guardavam relação não com a nobreza de sangue necessariamente, mas com a glória, com a fama e com o renome, portanto associados aos sentidos 2 e 3 do *OLD* para *nobilitas*. Leila Nista adverte que as galerias de retratos de intelectuais gregos e romanos diversamente ao que ocorre com as máscaras ancestrais, são relevantes para marcar a vida cultural dos proprietários e, portanto, significativas na sua esfera pública, já que garante ao proprietário, penso eu, uma *auctoritas* cultural. Ocorre também, entretanto, um diletantismo dissimulado, dado que o proprietário pode usá-las como mero artefato decorativo.<sup>45</sup>

Fato é que se pode ler o adjetivo *priscae* no sentido de membros mais antigos da *gens*, o que encaminha a análise para o argumento de imagens dos antepassados e, nesse sentido, *nobiles* seria relativo a nobres de origem, contudo não assumindo tal restrição de sentido de *priscae* e apenas observando a ideia de anterioridade cronológica, o termo *imagines* ganha outro contorno

<sup>42</sup> Ver Martins (2011, pp.107-34).

<sup>43</sup> Plin., *Nat.* 35.4-5: *et inter haec pinacothecas veteribus tabulis consuunt alienasque effigies colunt, ipsi honorem non nisi in pretio ducentes, ut frangat heres [35.5] furisque detrahat laque<o>. itaque nullius effigie vivente imagines pecuniae, non suas, relinunt. iidem palaestras athletarum imaginibus et ceromata sua exornant, Epicuri voltus per cubicula gestant ac circumferunt secum.* – “E enquanto isso cobrem-se as galerias de quadros antigos e cultuam-se os retratos de estrangeiros, pensando as pessoas que para a própria glória conta apenas o preço das obras, que um herdeiro irá fazer em pedaços ou a que o laço de um ladrão irá dar sumiço. [35.5] É por isso que, por não serem representações vivas de ninguém, deixam eles para a posteridade retratos do seu dinheiro, não de si próprios. Essas mesmas pessoas adornam com retratos de atletas suas palestras e salas de exercícios, carregam pelas alcovas bustos de Epicuro e circulam com eles”. (Tradução de Antônio da Silveira Mendonça).

<sup>44</sup> Ver Di Cesare (2011, pp. 93-108) e Zanker (1995).

<sup>45</sup> Ver Nista (1988, pp. 38-9).

que convém plenamente ao estabelecimento de um *cânone*, esse entendido como grupo de personalidades e/ou obras cuja significância ou relevância reflete um posicionamento absolutamente idiossincrático do colecionador ou admirador dessas *imagines*. Assim, os proprietários das bibliotecas em que estavam alocadas e dispostas as *priscæ imagines* assumiriam papel análogo ao dos autores que em sua obra descortinam para seus leitores quais são seus êmulos, ou como outros preferem, suas influências. Propércio, nesse sentido, no fechamento do livro 2B, ou simplesmente 2, na elegia 34 aponta o registro de sua interlocução poética:

*haec quoque perfecto ludebat Iasone Varro,  
Varro Leucadiae maxima flamma suae;  
haec quoque lascivi cantarunt scripta Catulli,  
Lesbia quis ipsa notior est Helena;  
haec etiam docti confessast pagina Calvi,  
cum caneret miserae funera Quintiliae.  
et modo formosa quam multa Lycoride Gallus  
mortuus inferna vulnera lavit aqua!  
Cynthia quin vivet versu laudata Properti,  
hos inter si me ponere Fama volet.<sup>46</sup>*

Varrão, findo seu Jasão, também compôs esse tipo de coisa,  
Varrão com fogo intenso por sua Leucádia;  
os escritos do lascivo Catulo cantaram tais coisas,  
Lésbia tornou-se mais famosa que a própria Helena;  
essas igualmente confessou a página do douto Calvo,  
cantando a morte da infeliz Quintília.  
E, há pouco, Galo já morto quantas feridas lavou  
com águas infernais por sua bela Licóride!  
Mas Cíntia será louvada pelos versos de Propércio  
se entre esses poetas a Fama desejar me alocar.

Cairns, considerando um argumento etimológico, justifica o sentido de renome, observado os termos *nobilitas* e *nobilis* em relação ao verbo *nosco*, fato que justifica perfeitamente nossa leitura, Diz o estudioso:

The substantial complex of etymologies within Propertius 1,5 embracing the problematic lines 23f. may be intended by Propertius as a ‘proof’ of the eulogistic contention that Gallus has *nobilitas*: the proof consists in the fact that he is *notus* ‘known’ i.e. as a poet. It can hardly be a coincidence that the poet Gallus seems himself, in his elegiac *persona*, to have made claims to be *notus*. (Cairns, 1983, p. 86).

Somam-se a isso os versos de Ovídio em *Amores*:

<sup>46</sup> Prop. 2B.34.85-94.

*Gallus et Hesperis et Gallus notus Eois,  
Et sua cum Gallo nota Lycoris erit.*<sup>47</sup>

Assim tanto Cornélio Galo, poeta-amante como sua Licóride, amante-livro-poesia – ela também uma *scripta puella* – são reconhecidos, são *notus* e *nota*, respectivamente, nos “quatro cantos do mundo”, *per orbem*.

Nesse sentido, o cânone literário da elegia, proposto por Propércio, ou por Ovídio, ou por Quintiliano,<sup>48</sup> apontam creio, para as mesmas *priscae imagines*, mantidas nas bibliotecas, que são *priscae* por precederem ao enunciador daí reconhecidas e renomadas – *notae* e detentoras de *nobilitas*, ou simplesmente afamadas. Nesse sentido, Propércio depois de elencar em 2B.34 os poetas de seu cânone, a saber, Varrão, Catulo, Calvo e Galo, propõe: *hos inter si me potere Fama uolet*.<sup>49</sup> Esse verso pode ser lido: “se minha “nobreza”, minha distinção me permitir que eu seja posto entre esses poetas”. Thomas, enfatiza a posição de Alfonsi (1943), reiterando o argumento de que a caracterização de Galo como um nobre é apenas uma “rhetorical exaggeration”, uma *amplificatio*, portanto, entende que isto é perfeitamente aceitável, afinal se Horácio foi capaz de “injetar sangue nobre nas veias de Mecenas”, então com muita tranquilidade Propércio poderia conceder estirpe nobre a Galo. (Thomas, 1979, p. 54).

Entendo que o cânone poético explícito, ou as *priscae imagines*, passa a ser lugar-comum deste gênero de sorte que Ovídio, anos mais tarde, em *A Arte de Amar*,<sup>50</sup> nos dá a dimensão de seu cânone, nomeia: Calímaco e Filetas (v. 329), Safo (v.331), Menandro (v. 332), Propércio (v. 333); Galo e Tibulo (v. 334), Varrão (v. 335) e termina dizendo: “*Forsitan et nostrum nomen miscebitur istis*” – E certamente meu nome irá se juntar a esses”.<sup>51</sup> Em *Amores* 1.15, Ovídio, mais uma vez desfia sua própria filiação cultural, sua memória além de redimensionar o fazer poético tendo em vista a tópica da perenidade horaciana: *Mortale est, quod quaeris, opus. mihi fama perennis/ quaeritur, in toto semper ut orbe canar.* – “É mortal a obra que buscas. Minha fama é perene/ busque-se sempre para que sempre em todo o mundo eu seja cantado”,<sup>52</sup> daí enuncia os *nomina*: Homero (vv.9-10), Hesíodo (vv. 11-12), Calímaco (vv. 13-14), Sófocles (v. 15), Arato (v. 16), Menandro (vv. 17-18), Ênio (vv. 19-20), Varrão (vv. 21- 22), Lucrécio (vv. 23-24), Virgílio, épico e bucólico, (vv. 25-26), Tibulo (vv. 27-28), Galo, três vezes em dois versos em 29-30, como já vimos.

<sup>47</sup> Ov. *Am.* 1.15.29-30.

<sup>48</sup> Quint., *Inst.* 10.93.

<sup>49</sup> Prop. 2B.34.94.

<sup>50</sup> Ov. *Ars* 3.329-335.

<sup>51</sup> Ov. *Ars* 3. 339.

<sup>52</sup> Ov., *Am* 7-8.

Ainda em relação ao dístico 1.5.23-4, mais exatamente ao pentâmetro *nescit Amor priscis cedere imaginibus*, posso considerar que o termo *Amor* foi tomado do plural *Amores*, que remete ao nome da obra de Cornélio Galo, dedicada a Licóride. Esse argumento alinha-se com a leitura que Skutsch (1906) fez do poema 1.10 em que defende que o voyeurismo não é sexual, mas poético. Isto é, observar Galo com Licóride significaria lê-lo. Logo posso ter o termo *Amor* como poesia de *Amor* ou dos *Amores*. Nesse sentido essa poesia de Amor, que é a poesia de Galo, desconhece (*nescit*) ceder a antigas imagens (*priscis imaginibus*), *priscas imagines*, já que, em que pese a contenda da paternidade da elegia romana estar *sub iudice*, dividida entre Catulo e Galo, antes delas não havia exemplo para esse gênero tipicamente romano no qual o malgrado amoroso é central, de modo que nos restariam antes de ambos Calímaco, Filetas e os arcaicos como Mimnermo e Arquíloco, aquele aos quais Quintiliano parece referir na *Institutio*:

*Elegia quoque Graecos prouocamus, cuius mihi tersus atque elegans maxime uidetur auctor Tibullus. Sunt qui Propertium malint. Ouidius utroque lasciuior, sicut durior Gallus.*

Também na *elegia* rivalizamos com os gregos. Parece-me que desses o auctor Tibulo é maximamente terso e elegante. Outros preferem Propércio. Ovídio é mais lascivo que ambos, assim como Galo é mais rude.<sup>53</sup>

### THE TURNING POINT

Como apontei há pouco, parece-me claro que os epigramas 21 e 22 fogem à estrutura editorial ortodoxa de um livro de elegias justamente por não serem elegias. Entretanto a estrutura editorial proposta por King, com a qual concordo, os considera basilares e essenciais ao livro, conquanto suas temáticas funerária e autobiográfica não se encaixem aparentemente na estrutura do todo elegíaco, tampouco suas características epigramáticas sejam condizentes com as demais elegias e em Propércio haja uma nítida interferência da poesia epigramática helenística como parte operante da argumentação.

Entretanto, como já salientei amparado em Cairns, os interlocutores Galo e Tulo em 21 e 22 respectivamente – suposta identidade do primeiro como coincidente com a das elegias 5, 10, 13 e 20 – estabelecem a ligação de um descompasso genérico com o *framing* bipartido do livro entre o *uir amans* e o *uir militaris* representados pelo duplo patronato do *Monobiblos*. Mais do que limitar dois tipos de personas poéticas, indicam dois eixos formais e compositivos na base do novo gênero elegíaco, fundado por Cornélio Galo:

<sup>53</sup> Quint. *Inst.* 10.93.

o epigrama de cunho funerário e o de matiz confessional. É justamente nesse sentido que Richard Thomas adverte que:

It is the hypothesis of the current study that Propertius elegy was capable of reverting to or otherwise playing with one of its major source genres, that of epigram, as produced especially in the Hellenistic period from the first quarter of third century BCE. This hypothesis is demonstrable and unproblematic in the case of the two poems that end the *Monobiblos* (1.21 and 1.22). (Thomas, 2011, p. 67).

Galo, mesmo que rivalize, em certa medida, em importância com Tulo no *Monobiblos*, é *persona* central por representar paradigmaticamente não somente um gênero poético qualquer como Pôntico (épica) ou Basso (iâmbica), mas o gênero poético eleito por Propércio para sua obra. Assim sua responsabilidade no livro supera a do patrono convencional como Tulo ou Mecenas – observe-se 2A.1 – já que representa o cerne da própria poesia de Propércio. Donde se o consideramos como *figura* tangida pela realidade de Cornélio Galo, daí sua “ação” no constructo poético de Propércio funciona como uma daquelas *priscae imagines* cara ao poeta em sua obra e, quem sabe, em sua biblioteca. A nobreza de Cornélio Galo, portanto, justifica-se pela importância dada a ele pelo próprio poeta.

ANEXO – ELEGIAS A GALO NO *MONOBIBLOS*<sup>54</sup>*Ad Gallum*

	5
<i>Invide, tu tandem uoces compesce molestas et sine nos cursu, quo sumus, ire pares! quid tibi uis, insane? meae sentire furores? infelix, properas ultima nosse mala, et miser ignotos uestigia ferre per ignis, et bibere e tota toxica Thessalia. non est illa uagis similis collata puellis: molliter irasci non solet illa tibi. quod si forte tuis non est contraria uotis, at tibi curarum milia quanta dabit! non tibi iam somnos, non illa relinquet ocellos; illa feros animis alligat una uiros. a, mea contemptus quotiens ad limina curres, cum tibi singultu fortia uerba cadent, et tremulus maestis orietur fletibus horror, et timor informem ducet in ore notam et quaecumque uoles fugient tibi uerba querenti, nec poteris, qui sis aut ubi, nosse miser! tum graue seruitium nostrae cogere puellae discere et exclusum quid sit abire domum; nec iam pallorem totiens mirabere nostrum, aut cur sim toto corpore nullus ego. nec tibi nobilitas poterit succurrere amanti: nescit Amor priscis cedere imaginibus. quod si parua tuae dederis uestigia culpae, quam cito de tanto nomine rumor eris! non ego tum potero solacia ferre roganti, cum mihi nulla mei sit medicina mali; sed pariter miseri socio cogemur amore alter in alterius mutua flere sinu. quare, quid possit mea Cynthia, desine, Galle, quaerere: non impune illa rogata uenit.</i>	-5 -10 -15 -20 -25 -30
	5 Pare, enfim, invejoso, sua fala desagradável e deixe que sigamos juntos na mesma via! O que você quer, louco? Ter minha raiva? Boçal, você se lança para os piores males; infeliz, levando seus passos por fogos ocultos e bebendo todos os venenos da Tessália. Ela, se comparada às putinhas, não é par: ela não consegue irar-se suavemente com você. E, se ela, por acaso, não é contrária a seus assédios, vai dar, então, milhares de inquietações! Não irá abandonar seu sono, nem seus olhos, ela é única, por seu moto, detendo machos cruéis. Ah! Quanta vez, desdenhado, irá correr à minha porta, quando palavras soberbas irão lhe escapar entre soluços. E um trêmulo horror virá em meio ao choro, e um temor irá compor seu cenho informe e lastimando, o seu desejado verbo vai faltar, e não irá poder, pobre, saber quem é ou onde está! Então será obrigado a conhecer o grave jugo da minha menina e o que seja voltar expulso para casa; e já não irá se admirar tanta vez com meu palor ou porque sou nada em todo meu corpo. Nem sua estirpe poderá socorrer você amante: o Amor não sabe ceder às priscas imagens. Se você tiver dado a menor pista de infidelidade, com que rapidez fará de seu renome rumores! Então, eu não poderei trazer alívio à sua suplica, pois não tenho tratamento algum para o meu mal! Mas, míseros, seremos movidos por um amor comum e choraremos um nos ombros do outro. Por isso, ó Galo, não procure saber qual o poder de Cíntia: ela, quando chamada, não vem impunemente.

<sup>54</sup> O texto latino segue a lição de Paolo Fedeli (1980), observando-se conjuntamente as soluções de Goold (1990), Giardina (2005), Viarre (2009) e Heyworth (2009)

<p><i>O iucunda quies, primo cum testis amori affueram uestris conscius in lacrimis! o noctem meminisse mihi iucunda uoluptas, o quotiens uotis illa uocanda meis, cum te complexa morientem, Galle, puella -5 uidimus et longa ducere uerba mora! quamuis labentis premeret mihi somnus ocellos et mediis caelo Luna ruberet equis, non tamen a uestro potui secedere lusu: tantus in alternis uocibus ardor erat. -10 sed quoniam non es ueritus conc&lt;rdere nobis, accipe commissae munera laetitiae: non solum uestros didici reticere dolores, est quiddam in nobis maius, amice, fide. possum ego diuersos iterum coniungere amantes, -15 et dominae tardas possum aperire fores; et possum alterius curas sanare recentis, nec leuis in uerbis est medicina meis. Cynthia me docuit, semper quaecumque petenda quaeque cauenda forent: non nihil egit Amor. -20 tu caue ne tristi cupias pugnare puellae, neue superba loqui, neuē tacere diu; neu, si quid petiit, ingrata fronte negaris, neu tibi pro uano uerba benigna cadant. irritata uenit, quando contemnitur illa, -25 nec meminit iustas ponere laesa minas: at quo sis humilis magis et subiectus Amori, hoc magis effectū saepe fruare bono. is poterit felix una remanere puella, qui nunquam uacuo pectore liber erit.</i></p>	<p>10 Ah! Deliciosa calma, quando espectador do amor, eu cōscio estava próximo do seu pranto! Ah! Delicioso prazer me lembrar daquela noite, ah! quanta vez, hei de chamá-la em meus desejos, quando vi você, Galo, morrendo, abraçado à menina conversando por muito tempo sem pressa! Por mais que o sono pesasse em meus olhos hesitantes e a lua enrubescesse no meio céu com seu carro, eu não pude, porém, resistir a seu jogo: tanto era o ardor das vozes alternadamente misturadas. Mas, como você não temeu confiar em mim, aceite a recompensa do prazer confiado: não só aprendi a ocultar suas dores, como, amigo, em mim há algo maior que confiança! Posso unir, novamente, amantes separados, posso abrir portas tardias de uma mulher, posso curar nos outros feridas recentes, não é inócuo o remédio da minha poesia. Cíntia sempre me ensinou o que deve ser pedido e o que se deve evitar: o Amor não fez pouco. Cuidado! Não queira brigar com a menina triste, não queira bravatear ou se calar sempre. Se alguma coisa ela pediu, não negue com face desprezo; nem morram no vazio palavras amorosas dela. Ela fica irritada quando se sente menosprezada, se magoada, ela investe justas ameaças: mas, quanto mais você for humilde e submisso ao Amor tanto mais irá gozar de um final feliz. Poderá alegre ficar com uma menina, quem nunca for livre de um coração vazio.</p>
--	---

<p><i>Tu, quod saepe soles, nostro laetabere casu, Galle, quod abrepto solus amore uacem. at non ipse tuas imitabor, perfide, uoces: fallere te numquam, Galle, puella uelit. dum tibi deceptis augetur fama puellis, -5 certus et in nullo quaeris amore moram, perditus in quadam tardis pallescere curis incipis, et primo lapsus abire gradu.</i></p>	<p>13 Como é seu costume, irá se alegrar com meu desfavor, Galo, vago só, arrebatado de meu amor. Eu, porém, não irei imitar desleal suas palavras: que sua menina nunca queira, Galo, trai! Enquanto sua fama cresce com meninas iludidas, e, seguro, você não procura um amor estável, perdido em um, empalidece em tardios desejos, e você começa a dar o primeiro passo para a queda.</p>
---	---

<i>haec erit illarum contempti poena doloris: multarum miseras exiget una uices.</i>	-10	Ela será o castigo pelo desprezo à dor de outras: uma só irá vingar a vez infeliz de muitas.
<i>haec tibi uulgaris istos pescasset amores, nec noua quaerendo semper amicus eris.</i>		Ela irá reprimir esses seus amores vulgares, e você imune a novos amores, será sempre fiel.
<i>haec ego non rumore malo, non augure doctus; uidi ego: me quaeso teste negare potes?</i>		Nisso sou douto, nem por mau boato, nem por augúrio. Eu vi: você pode me negar como testemunha?
<i>uidi ego te toto uinctum languescere collo et flere iniectis, Galle, diu manibus,</i>	-15	Eu vi você enlanguescer, seduzido por aquele colo, Galo, e você chorava por muito, jogado nos braços dela.
<i>et cupere optatis animam deponere labris, et quae deinde meus celat, amice, pudor.</i>		Desejava morrer nos cobichados lábios e daí coisas, meu amigo, que o pudor veda.
<i>non ego complexus potui diducere uestros: tantus erat demens inter utrosque furor.</i>	-20	Eu não pude separar os seus abraços: tanto tesão havia entre vocês.
<i>non sic Haemonio Salmonida mixtus Enipeo Taenarius facili pressit amore deus, nec sic caelestem flagrans amor Herculis Heben sensit ab Oetaeis gaudia prima rogis.</i>		Não foi assim que o deus Tenário misturado ao Emônio Enipeu tomou com dócil sexo a Salmônide, nem assim o ardente amor de Hércules pela celestial Hebe sentiu no cimo do Eta os primeiros gozos.
<i>una dies omnis potuit praecurrere amanti: nam tibi non tepidas subdidit illa faces, nec tibi praeteritos passa est succedere fastus, nec sinet abduci te tuus ardor aget.</i>	-25	Um dia só pôde fazer você ultrapassar todos os amantes: ela submeteu você a ardores quentíssimos, não consentiu que seu velho fasto tornasse, nem permitirá que você vá: seu ardor está no poder.
<i>nec mirum, cum sit Ioue dignae proxima Leda et Ledaie partu gratior, una tribus; illa sit Inachiis et blandior heroinis, illa suis uerbis cogat amare Iouem.</i>	-30	Nem é de admirar como seja par de Leda, digna de Jove, mais bonita que as três filhas de Leda! Ela seria mais desejável que as heroínas, filhas de Ínaco, ela com suas palavras seria capaz de fazer Júpiter amá-la.
<i>tu uero quoniam semel es periturus amore, utere: non alio limine dignus eras. qui tibi sit felix, quoniam nouus incidit, error; et quodcumque uoles, una sit ista tibi.</i>	-35	Uma vez que você há de morrer de amor, goze: você não era digno de outra porta. Já que algo novo avança, que ele seja um erro feliz e tudo o que quiser, esta seja a única para você!

	20	
<i>Hoc pro continuo te, Galle, monemus amore (id tibi ne uacuo defluat ex animo): saepe imprudenti fortuna occurrit amanti: crudelis Minyis dixerit Ascanius.</i>		Galo, em nome de nosso afeto, advirto – e que isto não fuja de seu cuidado – muito o acaso ocorre ao amante incauto: diria Ascânio que ele foi aos Míniis.
<i>est tibi non infra speciem, non nomine dispar Theiodamanteo proximus ardor Hylae: hunc tu, siue leges umbrosae flumina siluae, siue Aniena tuos tinxerit unda pedes, siue Gigantea spatia bere litoris ora, siue ubicumque uago fluminis hospitio,</i>	-5	Não é menor em beleza, nem dispar em fama, par é sua paixão à de Hilas, filho de Teodamante. Se você escolher rios de selva umbrosa, ou se a onda do Ânio venha a molhar seus pés, ou se passear pelas praias da costa dos Gigantes ou onde estiver, tenha o abrigo de um rio vazio,
	-10	

<p>Nympharum semper cupidus defende rapinas (non minor Ausoniis est amor Adryasin); ne tibi si[n]t duros montes et frigida saxa, Galle, neque expertos semper adire lacus. quae miser ignotis error perpressus in oris -15 Herculis indomito fleuerat Ascanio. namque ferunt olim Pagasae naualibus Argon egressam longe Phasidos isse uiam, et iam praeteritis labentem Athamantidos undis Mysorum scopulis applicuisse ratem. -20 hic manus heroum, placidis ut constitit oris, mollia composita litora fronde tegit. at comes inuicti iuuenis processerat ultra raram sepositi quaerere fontis aquam. hunc duo sectati fratres, Aquilonia proles, -25 hunc super et Zetes, hunc super et Calais, oscula suspensis instabant carpere plantis, oscula et alterna ferre supina fuga. ille sub extrema pendentes secluditur ala et uolucres ramo summouet insidias. -30 iam Pandioniae cessit genus Orithyiae: a dolor! ibat Hylas, ibat Hamadryasin. hic erat Arganthe Pege sub uertice montis grata domus Nymphis umida Thyniasin, quam supra nullae pendebant debita curae -35 roscida desertis poma sub arboribus, et circum irriguo surgebant lilia prato candida purpureis mixta papaueribus. quae modo decerpens tenero pueriliter ungui proposito florem praetulit officio, -40 et modo formosis incumbens nescius undis errorem blandis tardat imaginibus. tandem haurire parat demissis flumina palmis innixus dextro plena trahens umero. cuius ut accensae Dryades candore puellae -45 miratae solitos destituere choras prolapsum leuiter facili traxere liquore: tum sonitum raptu corpore fecit Hylas. cui procul Alcides iterat responsa; sed illi nomen ab extremis montibus aura refert. -50 his, o Galle, tuos monitus seruabis amores, formosum Nymphis credere visus Hylan.</p>	<p>defenda-se de sempre ansiosos raptos de ninfas, (Não é menor o amor das Adriádes ausônias) nem sejam duros os montes nem frios os seixos, Galo, não se aproxime de lagos desconhecidos. Isto sofrendo, o infeliz Hércules, a vagar em terras Estranhas, chorou pelo cruel Ascânio. Pois, contam que, outrora, quando Argo já tinha saído do porto de Págasa, tomou rumo ao Fásis, depois de ultrapassadas as ondas de Atamântide, deslizando os remos, aportou nas costas dos Mísios. Ali um grupo de heróis ao pisar em calmas praias, cobriu a suave areia com bem disposta folhagem. Mas o amigo do jovem invicto avançou demais, escolhido que fora para procurar rara água da fonte. Ele foi seguido pelos dois irmãos, filhos de Aquilão, sobre ele, Zetes; sobre ele, Calais, tentavam dele roubar beijos, com assas estendidas e ele, mesmo em fuga, de costas a evitar beijos; ele, inclinando-se sob a asa extrema de um isola-se e com ramo afasta insídias aladas. A estirpe Oritia de Pandión cessou. Ah dor! Hilas foi, foi para a Hamadriade. Lá estava sob o topo do monte Argante, Pege, úmida morada, grata à ninfa da Tínia, acima da qual pendiam pomos rubicundos, sob árvores selvagens, sem culto algum, em torno, em irrigado prado, lírios surgiam, cândidos, mesclados a purpúreas papoulas. Hilas, colhendo infantilmente com suave unha, preferiu a flor ao dever determinado e descuidado, curvando-se sob límpidas ondas, tarda o erro com tênues imagens. Por fim, prepara-se para pegar a água do rio, curvou ombro destro, com as mãos cheias. Quando as jovens Driádes foram acesas por sua beleza, deixaram, admiradas, as danças habituais e levemente o puxaram, inclinado, para a água suave: então, Hilas se fez ouvir, quando foi arrebatado. A ele Alcides à distância renova respostas, mas o vento traz de longe, lá da fonte, só seu nome. Com isto, Galo, advertido, irá preservar seus amores, você que parece confiar às ninfas o belo Hilas.</p>
---	---

<p><i>Tu, qui consortem properas evadere casum, miles ab Etruscis saucius aggeribus, quid nostro gemitu turgentia lumina torques? pars ego sum vestrae proxima militiae. sic te servato [ut] possint gaudere parentes, -5 haec soror acta tuis sentiat e lacrimis: Gallum per medios ereptum Caesaris enses effugere ignotas non potuisse manus; et quaecumque super dispersa invenerit ossa montibus Etruscis, haec sciat esse mea. -10</i></p>	<p>21 Você, que tem pressa de fugir de um fim comum, soldado ferido, vindo dos montes etruscos, por que desvia com meu pranto os olhos inchados? Eu sou parte de sua próxima milícia. Assim, conservando-se, seus pais se alegrem, minha irmã não sinta, por suas lágrimas, o ocorrido: Galo, você escapou do meio das linhas de César, Não pôde escapar de ignotas mãos; e, quaisquer ossos dispersos que encontrar nos montes etruscos, saiba: estes são meus.</p>
--	--

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSI, L. (1943). L'elegia di Gallo. *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, 21, pp. 46-56.
- BURMAN, P. (1780). *Sex. Aurelii Propertii Elegiarum Libri IV. Cum Commentario perpetuo Petri Burmanni Secundi et Multis Doctorum Notis Ineditis*. Trajecti ad Rhenum: Apud Barth Wild.
- BUTLER, H. E. (1905). *Sexti Properti opera omnia*. With a commentary by H. E. Butler. London: Archibald Constable & CO Ltd.
- BUTLER, H. E. (1912). *Propertius*. With an English translation by H. E. Butler. London & New York: William Heinemann & G. P. Putnam's Sons.
- BUTLER, H. E.; BARBER, E. A. (1933). *The elegies of Propertius*. Edited with an introduction and commentary by H. Butler and E. A. Barber. Oxford: Clarendon Press. [= (1996). Hildestein: Georg Olms Verlag].
- CAIRNS, F. (1983). Propertius 1.4 and 1.5 and the 'Gallus' of the Monobiblos. *PLLS*, 4, pp. 61-103.
- CAIRNS, F. (2006a). *Sextus Propertius. An Augustan elegist*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CAIRNS, F. (2006b). Propertius and the Origins of Latin Love-Elegy. In: GÜNTHER, Hans-Christian (ed.). *Brill's Companion to Propertius*. Leiden & Boston: Brill, pp. 67-95. DOI: 10.1163/9789047404835\_005.
- CAMPS, W. A. (1961). *Propertius Elegies Book I*. Edited by W. A. Camps. Cambridge: Cambridge University Press.
- COLEMAN, R. (2001). *Vergil Eclogues*. Edited by Robert Coleman. Cambridge: Cambridge University Press. Cambridge Greek and Latin Classics.
- DE CESARE, R. (2011). Ritratti di Intelletuali tra Mondo Greco e Romano. In: LA ROCCA, E.; PRESICCE, C. P.; LO MONACO, A. *Ritratti. Le tante Facce del Potere*. Roma: Musei Capitolini e MondeMostreTutti, pp. 93-107.
- DUQUESNAY, I. M. (1992). In Memoriam Galli: Propertius I xxi. In: WOODMAN, A. J.; POWELL, J. (eds.). *Author and audience in Latin literature*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 52-83.
- ENK, J. P. (1946). *Sex. Propertii Elegiarum Liber I (Monobiblos) cum Prlegominis, Conspectum Librorum e Commentationum ad IV Libros Propertii Pertinentium, Notis Criticis, Commentario Exegetico*. Pars Altera. Leiden: Brill.

- FEDELI, P. (1980). *Sesto Properzio. Il primo libro delle elegie*. Introduzione, testo critico e commento a cura di P. Fedeli. Firenze: Olschki.
- FLORES, G. G. (2014). *Elegias de Sexto Propércio*. Organização, tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica.
- GAGLIARDI, P. (2013). Orfeo e l'ombra di Cornelio Gallo nei poeti augustei. *Wiener Studien*, 126, pp. 101-126. Acessado em: <http://www.jstor.org/stable/24752247>.
- GENTILI, B. (1967). Epigrama ed elegia, In: REVERDIN, O. (ed.). *L'Épigramme Grecque*, v. 14. Genève: Fondation Hardt, pp. 37-68.
- GIARDINA, G. (2005). *Properzio Elegie*. Edizione critica e traduzione. Roma: Edizioni Dell'Ateno.
- GOELZER, H. (1920). *Virgile. Bucoliques, Géorgiques, Énéide*. Texte latine publié d'après les meilleures éditions critiques. Accompagné d'un commentaraire philologique et littéraire et d'une carte par Henri Goelzer. Paris: Librairie Garnier Frères.
- GOOLD, G. P. (1990). *Propertius Elegies*. Edited and translated by G. P. Goold. Cambridge, Ma & London: Harvard University Press.
- HESLIN, P. (2011). Metapoetic Pseudonyms in Horace, Propertius and Ovid. *Journal of Roman Studies*, pp. 101: 51-72. doi:10.1017/S0075435811000062.
- HERTZBERG, W. A. B. (1843-45). *Sex. Aurelii Propertii elegiarum libri quattuor*. 3 vol. Halle: Lippert.
- HEYWORTH, S. (2007a). *Cynthia. A Companion to the text of Propertius*. Oxford: Oxford University Press.
- HEYWORTH, S. (2007b). *Propertius Elegos*. Edited. Oxford: Oxford at Clarendon Press. First Edition.
- HUTCHINSON, G. O. (1984). Propertius and the Unity of the Book. *JRS*, 74, pp. 99-106.
- JANAN, M. (2001). *The Politics of Desire. Propertius IV*. Berkeley: University of California Press.
- KING, J. (1975). Propertius' Programmatic Poetry and the Unity of the 'Monobiblos'. *The Classical Journal*, 71(2), pp. 108-24. Acessado em: <http://www.jstor.org/stable/3296072>.
- KING, J. (1980). The Two Galluses of Propertius' Monobiblos. *Philologus*, 124(1), pp. 212-30. Acessado em: 4 Jan. 2018; doi:10.1524/phil.1980.124.1.212.
- MARTINS, P. (2009). *Elegia romana. Construção e efeito*. São Paulo: Ed. Humanitas. doi: 10.13140/2.1.3644.9605.
- MARTINS, P. (2011). *Imagem e poder. Considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp.
- MARTINS, P. (2013). *Pictura loquens, poesis tacens: limites da representação*. Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 2018-01-21, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-19112015-181808/>.
- MARTINS, P. (2014). Os romanos, o direito, a imagem e a morte. In: FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte (orgs.). *As formas do Império Romano*. Ouro Preto: Editora da UFOP, pp. 81-94.
- MARTINS, P. (2015). Sobre a metapoesia em Propércio e na poesia erótica romana: o poeta rufião. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 28(1), pp. 125-59. doi: <http://dx.doi.org/10.24277/classica.v28i1.347>.
- MARTINS, P. (2017a). Ekphrasis, Digression and Elegy: The Propertius' Second Book. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, 30(1), p. 175-92. doi: <http://dx.doi.org/10.24277/classica.v30i1.437>.
- MARTINS, P. (2017b). Propércio Recidivo. *Translatio*, 14, pp. 227-54.
- MARTINS, P.; AMATO, R. S. S. (2012). Imagens Antigas Retoricamente Referenciadas. In: MUHANA, A.; LAUDANNA, M.; BAGOLIN, L. A. (orgs.). *Retórica*. São Paulo: Annablume Editora, pp. 125-45.

- MOYA, F.; Elvira, A. R. de (2001). *Propertio Elegías*. Edición bilingüe de Francisca Moya y Antonio Ruiz de Elvira. Madrid: Cátedra.
- NASCIMENTO, A. A. (2002) (org.). *Propércio. Elegias*. Tradução portuguesa de Aires A. Nascimento, Maria Cristina Pimentel, Paulo F. Alberto e J. A. Segurado e Campos. Texto latino e introdução de Paolo Fedeli. Assis & Lisboa: Accademia Propertiana del Subasio & Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras.
- NETHERCUT, W. (1968). Propertius 1. 21. 5-6. *Classical Philology*, 63(2), pp. 141-143. Acessado em: <http://www.jstor.org/stable/269133>.
- NETHERCUT, W. (1971). The SFRAGIS of the Monobiblos. *The American Journal of Philology*, 92(3), pp. 464-472. doi:10.2307/292805.
- NICHOLSON, N. (1998-9). Bodies without Names, Names without Bodies: Propertius 1.21-22 in *CJ*, 94, pp. 143-61.
- NISTA, L. (1988). Ius Imaginum and Public Portraiture. In: ANDERSON, M. L.; NISTA, L. *Roman portraits in context. Imperial and private likenesses from the Museo Nazionale Romano*. Roma: De Luca Edizioni D'Arte, pp. 33-9.
- PAGANELLI, D. (1929). *Properce. Élégies*. Texte établi et traduit par D. Paganelli. Paris: Les Belles Lettres.
- PALEY, F. A. (1853). *Sex. Aurelii Propertii Carmina. The Elegies of Propertius*. With English notes by Frederick A. Paley, London & Cambridge: John W. Parker and Son & John Deighton.
- PASSERAT, J. (1608). *Ioannis Passeratii, Professoris et Interpretis Regii Commentarii in C. Val. Catullum, Albium Tibullum, et Sex. Aur. Propertium cum tribus accuratissimis rerum, verborum, auctorum & emendationum indicibus*. Parisiis.
- RICHARDSON, Jr., L. (1976). *Propertius Elegies I-IV*. Edited, with introduction and commentary by L. Richardson, Jr. Norman: University of Oklahoma Press & American Philological Association.
- ROSEN, R., & FARRELL, J. (1986). Acontius, Milanion, and Gallus: Vergil, Ecl. 10.52-61. *Transactions of the American Philological Association*, (1974-), 116, pp. 241-254. doi:10.2307/283919.
- ROSS, D. O. (1975). *Backgrounds to Augustan poetry: Gallus, elegy and Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SALLES, C. (2000). *L'Antiquité Romaine*. Paris: Larousse.
- SCARCIA, R.; FEDELI, P.; CANALI, L. (1987). *Sesto Propertio Elegie*. Traduzione di Luca Canali, introduzione di Paolo Fedeli, commento di Riccardo Scarcia. Milano: BUR.
- SCALIGER, J. (1577). *Catullus, Tibullus, Propertius. Nova editio Ios. Scaliger recensuit. Eiusdem in eosdem Castigationum Liber*. Lutetiae.
- SKUTSCH, F. (1901). *Aus Vergils Frühzeit*. Leipzig: B. G. Teubner.
- SKUTSCH, F. (1906). *Aus Vergils Frühzeit II. Gallus und Vergil*. Leipzig: B. G. Teubner.
- SYME, R. (1938). The Origin of Cornelius Gallus. *The Classical Quarterly*, 32.1, pp. 39-44. Acessado em: <http://www.jstor.org/stable/636537>.
- SYME, R. (1978). *History in Ovid*. Oxford: Oxford University Press.
- THOMAS, R. (1979). New Comedy, Callimachus, and Roman Poetry. *HSCP*, 83, pp. 179-206.
- THOMAS, R. (2011). Propertius and Propertian Elegy's Epigram Riffs. In: KEITH, A. (ed.). *Latin elegy and Hellenistic epigram. A tale of two genres in Rome*. New Castle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, pp. 67-86.
- VERGER, A. R. de (1989). *Propertio Elegías*. Introducción, traducción y notas de Antonio Ramírez de Verger. Madrid: Gredos.
- VIARRE, S. (2005). *Properce Élégies*. Texte établi, traduit et commenté par Simone Viarre. Paris: Les Belles Lettres.

- WHITE, P. (1978). Amicitia and the Profession of Poetry in Early Imperial Rome. *The Journal of Roman Studies*, 68, pp. 74-92. doi:10.2307/299627.
- WYKE, M. (1987). Written Women: Propertius' *Scripta Puella*. *Journal of Roman Studies*, 77, pp. 47-61.
- WYKE, M. (1989). Mistress and metaphor in Augustan elegy. *Helios*, 16 (1), pp. 25-47.
- WYKE, M. (2002). *The Roman Mistress: Ancient and Modern Representations*. Oxford: Oxford University Press.
- ZANKER, P. (1995). *The mask of Socrates: The image of the intellectual in Antiquity*. Berkeley, Calif: University of California Press. <http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft3f59n8b0/>.